

A Guerra Irregular - A Conspiração do Silêncio no século XXI? (3)

Sargento-ajudante
Fernando D'Eça Leal



Modus Operandi Tático da Guerrilha

Ciclo de Planeamento Terrorista

Juntamente com a *guerra irregular*, das formas de conflitos armados mais proliferado nas últimas décadas foi o terrorismo. Apesar de importantes diferenças entre a guerrilha (urbana) e o terrorismo, indubitavelmente há pontos coincidentes mas, bem vistas as coisas, é muito mais rica e complexa do que os esquemas teóricos ou académicos. Realmente existe zona comum entre estas modalidades de conflitos armados dificultando a análise e a investigação pois, somente cada caso, pode ser avaliado como forma global do processo de insurgência. Casos como o PIRA¹, Irlanda do Norte e, do Sendero Luminoso, Perú, constituem entre tantos expoentes de guerrilha urbana que praticam a violência terrorista de forma regular e do grupo terrorista que atingiu elevado grau de execução e apoio social. Mas vejamos grosso modo:

As *operações terroristas* são, geralmente, preparadas para minimizar o risco e obter a maior probabilidade de sucesso. Evitam concentrar-se nos pontos fortes do adversário e concentrar-se nas suas fraquezas. A ênfase é a maximização da segurança e efeitos no alvo. Na prática, significa: o número mínimo de pessoas e as mais eficazes² e armas factíveis³. Para conseguir isso, é conduzido extenso planeamento, com ênfase na vigilância e reconhecimento do alvo.

Os dados contra alvos potenciais podem durar anos antes de a operação ser decidida. Enquanto alguns objectivos podem ser “simples” o bastante para curtos períodos de observação, a colecta de informações será intensa. Além disso, as operações planeadas ou em andamento poderão ser alteradas, atrasadas ou canceladas devido a mudanças no destino ou condições locais.

Os terroristas planeiam campanhas para combinar sucessivos empreendimentos de

objectivos operacionais para conseguir os objectivos estratégicos. Mesmo que se refira a operação com fim “físico”, este objectivo real é na realidade o objectivo intermédio.

As vítimas, destruição ou ameaças que cumprem a operação devem ser devidamente exploradas para atingir o público-alvo. O impacto psicológico é o verdadeiro objectivo de qualquer operação deste tipo. Embora o assassinato de certo polícia problemático pode fornecer outras vantagens táticas, é o efeito psicológico sobre o público-alvo e o apoio final dos objectivos estratégicos que é o objectivo real. Isto foi visto amplamente no Iraque como alvo dos terroristas iraquianos a servirem em cargos de governo provisório em 2004. «As vítimas dos primeiros movimentos terroristas rebeldes de há um século foram personalidades públicas muito conspícuas, assassinadas enquanto “símbolos” de “iniquidades do sistema”»⁴. Houve tendência para símbolos; agora, os sujeitos são indefesos e cada vez com menos valor “simbólico” e menos relacionado com - ou menos responsáveis de - qualquer situação que os terroristas lutam por modificar.

O terrorismo não discrimina nem perdoa⁵. Não é, em si mesmo, ideologia, é apenas o modo de acção concebido para alcançar o resultado político específico. Por outras palavras, existem apenas acções terroristas e não grupos terroristas embora, evidentemente, se o grupo se dedicar única e exclusivamente a acções terroristas podemos referir justificadamente como grupo terrorista. Isto é importante porque, nalgum momento, aqueles que procuram conter ou eliminar o fenómeno têm de lidar com as razões pelas quais o terrorismo ocorre.

A experiência e o sucesso tem mostrado como estes trabalham para planos e operações eficazes. Organizações deste tipo trocam de pessoal e de formação com cada um e estudam os métodos operacionais e os sucessos dos grupos com os quais não têm contacto directo. A inovação é a componente chave do sucesso provado operacionalmente. Usar armas ou tecnologia novas, ou sistemas antigos de formas inovadoras e súbitas, permite aos terroristas a derrota ou evitar as medidas defensivas.

Planeamentos operacionais terroristas podem ser analisados de acordo com requisitos comuns a todas as operações. O ciclo de planeamento e exploração é válido para grupos tradicionais hierarquicamente organizados, bem como estruturas de tipo rede “descentralizada”. As diferenças entre as duas estruturas está na localização da tomada de decisões em várias fases do ciclo e do método da tarefa de organizar e dar apoio para a operação.

Fase I - Selecção de Alvos Gerais

Esta fase é a colecta de informações sobre grande número de potenciais alvos, alguns dos quais nunca podem ser atacados ou considerados seriamente para o ataque. Quem não são do núcleo da organização, mas ou são simpatizantes ou ingénuos e não podem estar cientes das informações serão usados, muitas vezes, para orientar a recolha de dados. Esta fase inclui também fonte aberta e recolha de informação geral. Algumas específicas deste tipo são:

- Artigos de jornais, outros meios de comunicação e fontes jornalísticas, geralmente, fornecem informações importantes sobre o alvo ou alvos.
- Pesquisas na Internet fornecem informações em textos, fotos, desenhos técnicos e vídeo.
- Potenciais alvos seleccionados com base no valor simbólico e potencial de gerar grande visibilidade e atenção da mídia. Os objectivos da influência do grupo, a selecção da pessoa ou a alguma instalação como destino digno. Inclui a taxa de vítimas provavelmente atingido pelo ataque.

O número de alvos preliminares podem ser rastreados é limitado apenas pela capacidade do grupo para colectar informações de fontes abertas e simpatizantes. Metas consideradas vulneráveis e que ainda os objectivos da organização terrorista são seleccionados para a próxima fase da recolha de informações.

Fase II - Colecta de Inteligência e Vigilância

Vulnerabilidades de alvos potenciais mostram maior prioridade do esforço. Esta estabelece a obrigação de recolher informações adicionais sobre os padrões dos objectivos: «ao longo do tempo. Exemplos, incluem a vigilância terrorista a contas de 2004 realizadas há anos no FMI, Prudential Building, em Nova Iorque Stock Exchange, bem como as instalações em Las Vegas, Nevada. O tipo de vigilância utilizada depende do tipo de destino. Elementos de informação recolhidos normalmente incluem:

- Práticas/Procedimentos/Rotinas - Para instalações inclui entregas programadas, o trabalho mudança de turno, procedimentos de identificação e outras rotinas observáveis. Para os indivíduos, pode incluir rotinas regulares (ir à lavandaria a cada três dias, etc.) e encontros.
- Residência e Local de Trabalho - Esta categoria aplica-se principalmente ao esboço físico e actividades individuais com os dois lugares do objectivo geral passa a maior parte do tempo.
- Transporte/Rotas de viagem - Para os indivíduos, esse é o meio de transporte e direcções habituais para qualquer destino regular (casa, trabalho, ginásio, escola, etc.). Para instalações, aborda pontos de entrada, saída, tipos de veículos permitidos ou disponibilidade de transporte para o local de destino.
- Medidas de Segurança - Este tópico inclui a miríade de potenciais zonas de recolha, dependendo da complexidade da segurança em torno do alvo. Presença de força de protecção; o tempo de reacção das unidades de resposta, qualquer tenacidade das estruturas, barreiras, ou sensores; pessoal, pacote e procedimentos de selecção de veículos, o tipo e frequência dos exercícios de reacção de emergência são exemplos de objectivos principais de recolha. Esta é das mais importantes áreas de informação para a selecção local do ataque, pois a intenção é a de ignorar e evitar as medidas de segurança e ser capaz de atingir o alvo durante qualquer período.

Fase III - Selecção do Alvo Específico

A selecção do alvo para o planeamento operacional efectivo considera alguns factores seguintes:

- O sucesso afecta larga audiência do que a vítima(s) imediata(s)?
- Será que o objectivo atrai grande visibilidade e a atenção dos média?
- O sucesso faz a declaração desejada para o público-alvo correcto?
- O efeito é consistente com os objectivos do grupo?
- O objectivo fornece alguma vantagem para o grupo, demonstrando o seu alcance?
- Quais são os custos e os benefícios de realizar a operação?

A decisão de acções exige a recolha de informação contínua contra o alvo escolhido. Metas que não recebam consideração imediata ainda serão colectadas em relação a futuras oportunidades.

Fase IV - Pré-ataque de Vigilância e Planeamento

As células operacionais reais começam a aparecer durante esta fase. Qualquer pessoal treinado em inteligência e vigilância, ou membros da célula organizada para executar a operação efectua-se nesta fase. Consequentemente, o nível do especialista de inteligência e competência operacional aumenta proporcionalmente. Esta fase reúne informações sobre os padrões actualizados do alvo ao longo do tempo, geralmente dias da semana. Permite à equipa de ataque confirmar as informações recolhidas a partir de vigilâncias anteriores e a actividades de reconhecimento. As áreas de preocupação são essencialmente as mesmas da fase II, mas com maior focalização baseada no planeamento realizado até agora.

O tipo de vigilância sobre as actividades empregues depende do alvo. A informação obtida é então utilizada para:

- Realizar estudos de segurança.
- Realizar operações de preparação detalhada.
- Recrutar operativos especializados (se necessário).
- Procurar a base de operações na área-alvo (casas seguras, esconderijos, etc.)
- Esquema e teste de rotas de fuga.
- Decidir sobre o tipo de arma ou ataque.

Fase V - Ensaios

Tal como as operações militares convencionais, os ensaios são realizados para melhorar as conjecturas de sucesso, confirmar as hipóteses de planeamento e desenvolvimento de contingências. Ensaiar para testar reacções de segurança aos perfis de ataque particulares. Usar tanto os operativos e pessoas incautas para testar as reacções do alvo. Ensaios típicos incluem:

- Implantação na área de destino.
- Acções sobre o objectivo.

- As rotas de fuga.
- Equipamentos e desempenho da arma.

Serão realizados testes na área-alvo para confirmar:

- Informação do alvo recolhida até à data.
- O padrão alvo das actividades.
- Esboço físico do alvo ou área de actuação.
- Reacções das forças de segurança (tempo, dimensão da resposta, equipamentos, estado de alerta, rotas).

Fase VI - Acções no Objectivo

Chegados a esta fase do programa, as hipóteses são claramente, contra o alvo. Várias análises diferentes concluem: uma vez as operações iniciadas, a taxa de sucesso para os terroristas é no intervalo de 90%. Minimizam o tempo gasto ao executar a operação para reduzir a vulnerabilidade descoberta ou para contra-medidas. Com excepção do tipo barricada com refém (ou reféns) toma as operações, o plano para completar as acções, mesmo antes das forças de segurança nas proximidades reagirem. Os terroristas realizam operações planeadas e possuem importantes vantagens tácticas. Ao ser atacante, têm as vantagens da iniciativa, dando-lhes:

- Surpresa.
- Escolha de tempo, lugar e condições de ataque.
- Aplicação de diversões e de ataques secundários ou de acompanhamento.
- Empenho na segurança e posições de apoio para neutralizar as forças de reacção e alvo de medidas de segurança.

Por causa da extensa preparação através de vigilância e reconhecimento, medidas de segurança inimiga será planeado e neutralizado. Qualquer medida preventiva pode ser combatida, por sua vez. Se as câmaras de segurança são detectadas, podem ser evitadas ou avariá-las caso necessário. Os guardas podem ser dominados ou mortos. Veículos ou edifícios fortes origina a utilização de maior ou mais engenhos explosivos eficazes ou armas de fogo directo. Embora as medidas de segurança possam complicar os problemas dos atacantes, não confere qualquer garantia de contra ataque.

Fase VII - Fuga e Exploração

Planos de *fuga* são bem ensaiados e executados. Muitos terroristas querem sobreviver à operação e escapar. Além disso, aumenta o efeito do medo e terror da operação bem-sucedida se os autores fogem “limpos”. A excepção a isso, é a operação suicida, onde o impacto é reforçado pela predisposição de morrer na praxe do ataque. Mesmo nestes ataques, no entanto, o pessoal de apoio e “manipuladores”, entregam o suicida activo ao alvo e, posteriormente, fogem.

A *exploração* é o principal objectivo da operação. Esta deve ser devidamente analisada e

divulgada para alcançar o efeito pretendido. Medidas de controlo de mídia, declarações preparadas e a série de outras forjas são feitas para explorar eficazmente a operação bem sucedida: serão cronometradas para tirar partido dos ciclos de mídia para o público-alvo seleccionado.

Operações mal sucedidas são negadas, quando possível. A percepção do grupo não prejudica gravemente o prestígio da organização e faz parecer vulnerável, ou pior, ineficaz. Uma vez que a organização é compreendida como ineficaz, é muito difícil impactar o público-alvo.

Além do impacto sobre o oponente, ataques bem-sucedidos chamam a atenção favorável, notoriedade e apoio (dinheiro, recrutas, etc.) para o grupo os realizar e desenvolver-se. Se o grupo condutor da operação subscreve alguma ideologia revolucionária, vêem em cada sucesso alento gradual na população o fervor revolucionário. Todo o sucesso anima-os para realizar outras operações e melhorar a capacidade de o concretizar através de maior apoio e experiência.

Organizações Criminosas e Terroristas

Através de profissionais de inteligência e de forma encoberta, o Estado mantém contacto consoante os vários níveis e apoia as organizações terroristas e criminosas. Durante o tempo de paz, estas podem ser úteis e em tempo de guerra fornecem dimensão adicional ao Estado de estratégia e operações.

Embora o Estado reconheça que os grupos variam em termos de fiabilidade, avalia constantemente tanto a sua eficácia e utilidade. Desenvolve-se relações com as organizações que têm objectivos, simpatias e interesses congruentes com os do Estado. Em tempo de guerra, pode incentivar e apoiar materialmente as organizações criminosas de cometer acções para contribuir para a degradação do controlo civil dentro de um país vizinho. Pode dar apoio para a distribuição e venda de drogas às forças militares inimigas, afectando tanto a moral como a disciplina dentro das organizações. A produção de moeda falsa e ataques a instituições financeiras podem contribuir para debilitar a estabilidade económica do inimigo. Coordenação e apoio de terroristas para atacar líderes políticos, militares e cometer actos de sabotagem contra infra-estruturas essenciais (como portos, aeroportos e abastecimento de combustível), adicionam a variedade e o número de ameaças que o inimigo tem de resolver. O Estado e os seus dirigentes militares também têm a capacidade de promover e apoiar a difusão destes mesmos tipos de actos terroristas fora da região. No entanto, devem considerar cuidadosamente o impacto político e nacional dessas acções antes de tomar a decisão de as executar.

Recursos Humanos - Generalidades

A variedade de factores sobre o grau de filiação clandestina exerce a influência sobre os indivíduos. Pequenas células ou grupos de trabalho exercem o controlo mais eficaz do que as maiores. Frequência de reuniões e duração da adesão afectam o progresso dos

relacionamentos íntimos. Quanto maior for estruturada clandestina e quanto mais claramente for definida as relações e os direitos, maior a influência é exercida.

Os movimentos clandestinos têm sido descritos como organizações “normativas-coercivas”, que aplicam ambas as pressões do grupo de persuasão e coerção explícita. São normativos onde as regras institucionais e costumes asseguram a harmonia da conduta de certas regras e certos membros do grupo satisfazem necessidades e desejos individuais. No entanto, o poder coercitivo é aplicado através da ameaça ou da aplicação de sanções físicas, ou através da privação de certas satisfações⁶.

O *comportamento clandestino* é característica importante na prática da organização. Ao estabelecer padrões evita chamar a atenção para o movimento: a organização secreta é protegida da detecção. Aparecendo e intervindo normal e discretamente, o sujeito clandestino dificulta as forças de segurança e outros a detectarem a sua participação na organização subversiva. O comportamento dissimulado tenta esconder e cobrir as actividades clandestinas de observação⁷. Práticas organizacionais, tais como estruturas celulares, fachadas falsas, registos adulterados e comunicações, disfarçam operações clandestinas. Certas práticas de comunicação secreta, como mensageiros disfarçados, *correio morto* e vários sinais também são usados. Os membros clandestinos capitalizam também os costumes e normas aceites, sem questionar ou jogar com a sensibilidade humana à autoridade ou por sugestão, para efectivamente disfarçar as operações e evitar a interferência da polícia.

Formas de terrorismo

Os actos de terror são todas as actividades ilícitas que objectivam em primeira instância instalar o pânico ou espalhar o medo. Na guerra assimétrica é toda a acção destinada a aterrorizar o inimigo. A *guerra irregular* desenvolve-se no *combate clandestino*.

Este terror visa também a mudar o comportamento e pode ser visto também como forma de demonstração de poder. O terror pode ser dirigido a pessoas ou pode ser conduzido a coisas.

O terror advém do facto das pessoas serem seleccionadas aleatoriamente, apenas por pertencerem a uma classe ou a grupo. Assim, qualquer um pode ser visado pela violência terrorista, independentemente das responsabilidades directas ou indirectas no conflito armado ou no combate político, independentemente de ser criança ou mesmo estrangeiro e este facto é fundamental para gerar o sentimento de terror. O sucesso estratégico do terrorismo é aferido e depende da capacidade de gerar a vulnerabilidade geral: *matam-se estas pessoas para aterrorizar aquelas*. O número relativamente pequeno de vítimas mortas equivale ao número muito grande de reféns vivos e assustados.

É este, pois, o mal específico do terrorismo - não só a morte de pessoas inocentes como também a intrusão do medo na vida quotidiana, a violação dos objectivos privados, a insegurança dos espaços públicos, a infinita coerção da precaução. O objectivo é fazer

com que as pessoas fiquem apavoradas e pressionem os governos a alterarem as políticas, de modo a poderem conquistar ou reconquistar a segurança. Não se pode falar de danos colaterais na acção terrorista, porque as mortes são sempre intencionais e desejadas⁸.

O resultado material do acto de terror desempenha apenas o efeito secundário comparado com os seus efeitos psicológicos: o *efeito susto* e o *efeito propaganda* ou seja, as acções de terror nunca abateram governos ou venceram guerras. Devem vir acompanhados sempre de outros factores ou de outros factos. Há dois tipos de terrorismo: o *estruturado* típico de acções de *guerra irregular* e o *comum*, normalmente, fruto de psicopatas.

Os actos *comuns* tendem a ocorrer mais quando surge o *terrorismo estruturado*. Há também duas formas de terrorismo: o *orientado*, normalmente estruturado, selectivo e até fomentador de conexões na rede; e o *indiscriminado*, normalmente usual.

As formas de execução de actos terroristas são em número quase infinito e organizá-las de forma metódica é tarefa destinada ao fracasso desde o início. Mas, as grandes formas coincidem com as da guerra. Matar é o mal em si e não interessa saber se estas foram ou não intencionais. Ou seja, o terrorismo pode ser:

- Psicológico;
- Usual;
- Biológico;
- Bacteriológico;
- Radiológico, Radioactivo ou Nuclear;
- Cibernético, Electrónico ou Informático; e
- Químico.

O *terrorismo psicológico* é usado directa e propositadamente ou ter efeito colateral de outras acções. A ofensa é sempre a arma de terror; o *Terrorismo usual* é bombista. O terror está na bomba como arma habitual. Bomba e medo andam juntos; o *terrorismo biológico* é a disseminação de agentes patológicos⁹; o *terrorismo radiológico*, também é explosivo. Ou é bomba radioactiva, a chamada “bomba suja”, decorrente da explosão por meios naturais de fontes radioactivas ou é a própria bomba nuclear; o *terrorismo cibernético* é a desestruturação do sistema energético mediante a destruição de fontes de energia eléctrica ou o bloqueio da transmissão mediante o uso de bombas normais ou de grafite ou a desmontagem dos sistemas de informação mediante a acção de “hackers” - outro objectivo é entrar nas redes, danificar arquivos e programas de sítios estratégicos, adquirir vantagens sobre o sistema de informações de governos, universidades, empresas privadas e estatais, centros de pesquisa e órgãos da imprensa. Usa como instrumento de ataque à internet e os alvos podem ser as comunicações, sistemas de energia eléctrica e o bancário e financeiro; o *terrorismo químico* é o uso de armas químicas para perpetrar actos de terror.

Muitas das discussões em torno da legitimidade do terrorismo deparam-se logo com a barreira semântica, pois podem ser atribuídos ao terrorismo múltiplos significados, condicionando toda a arguição posterior e a avaliação da justiça neste tipo de estratégia. Há três obstáculos para abicar do consenso a respeito da definição abrangente de terrorismo para:

- Identificar a diferença entre terrorismo e actos de legítima resistência à tirania ou dominação.
- Advier acordo sobre o grau de imputação jurídica aplicável aos Estados por actos de terrorismo.
- Discernir o regime jurídico que pode ser estabelecido com base em convenção global com assento nas disposições do direito internacional humanitário, aplicado especificamente ao conflito armado.

Alguns argumentam que a definição abrangente do *terrorismo* é desnecessária ou até mesmo perigosa¹⁰. No entanto, é mais provável que venha a acontecer até porque é a forma operacional táctica de muitos movimentos ou grupos e é muito usada por guerrilhas ou insurgências¹¹.

Não é apenas mais a forma de violência armada, não pode ser comparada a todos os actos de guerra convencional, nem pode ser comparada aos actos de guerrilha dirigida contra combatentes, instalações militares ou interesses económicos. Assim, é crucial, antes de mais, definir claramente o significado que este termo tem. De facto, Walzer não identifica um, mas vários terrorismos, apesar de todos terem tronco comum¹². Identifica três formas de terrorismo: o *terrorismo praticado por movimentos de libertação nacional* ou *revolucionário*; *terrorismo de Estado*; e o *terrorismo de guerra*. Na primeira forma de terrorismo, este configura a estratégia onde se caracteriza por tentar [a]terrorizar sistematicamente populações inteiras (...). O objectivo é destruir o moral da nação ou classe, minar a sua solidariedade; o método é o assassinato arbitrário de vítimas inocentes. O ataque cego é a típica da actividade terrorista¹³.

Invasões e *ocupações* podem ser formas de actos de terror. Ocupações são feitas limitadas no tempo, invasões não. O incêndio pode ser outra forma de acto de terror. A repressão indiscriminada favorece sempre os autores do *terrorismo estruturado*.

A guerrilha deve lembrar-se sempre da tarefa principal: destruição e a avaria de comunicações inimigas, administração e material e não a captura de objectivos específicos. Portanto, quanto mais o inimigo for atormentado melhor o resultado. A guerrilha pode sempre pilhar o inimigo, mesmo em pequena escala. Antes de qualquer acção, o guerrilheiro deve pensar nos métodos e no pessoal ao dispor para realizar a missão. Operações e acções demandam a preparação técnica do guerrilheiro urbano não pode ser realizado por alguém com pouca ou nenhuma habilidade técnica. Tida em conta estas precauções, as missões do guerrilheiro pode:

- Abater árvores em estradas para causar atrasos. Caixas de sinal do caminho-de-ferro

podem ser efectivamente sabotadas. Telégrafos e linhas telefónicas ou antenas para telemóveis podem ser facilmente postos fora de serviço.

- Derrubar 200 a 300 árvores num dia com o diâmetro 30 cm com somente quatro homens. Estas podem ser assentes como barreiras ou barricadas.

- Amarrar uma pedra no extremo da corda e ser accionada por fio e esta baixar para a estrada ao nível do pára-brisas num viaduto.

- Outras técnicas podem ser complementadas ou misturadas. No *combate clandestino* são vários os instrumentos: actos de terror, sabotagem, execuções, incursões armadas, emboscadas, raptos, roubos, assaltos e outros como vão ver.

Ataque Radiológico, Radioactivo ou Nuclear

Os grupos terroristas que adquirem armas NRBQ representam significativos perigos para locais e/ou interesses estrangeiros que se opõem. Com essas armas podem conseguir apoio às suas demandas, devido à natureza das armas. São as derradeiras armas do terror final.

Podem obter armas NRBQ por várias razões. Tais grupos podem ameaçar o uso dessas armas, como “belicista” para aumentar a aposta em resposta a acções estrangeiras políticas ou militares ou alcançar algum objectivo específico. Estas armas são escolha potencial para organizações tácticas de terror, porque a efectiva ou ameaça de uso de armas NRBQ é real e muito viável.

Ameaça ou Embuste

O grupo de terroristas pode usar ameaças para coagir ou prejudicar acções orientadas por indivíduo ou população alvo. *Ameaças* e *embustes* podem entorpecer a eficácia da prevenção ou contra-medidas quando determinada pessoa ou população perde a consciência situacional do real objectivo do terrorismo, ou distribui bens muito limitados contra possíveis ameaças.

No final menos letal do espectro - o *embuste* - pode ser para irritar simplesmente e desgastar as forças de segurança e manter a população constantemente agitada. Falsa ameaça de bomba, deixar itens suspeitos em locais públicos e pó talco (ataques de “antraz”), derramar sangue e o esforço de outras operações de segurança e contribuição para a incerteza e medo.

Tais actividades podem ser usadas para obter informações sobre a resposta do alvo ao potencial ataque. Para onde vão os ocupantes durante a evacuação de qualquer edifício e quanto tempo leva para sair, são elementos de informação úteis ao planeamento operacional e pode ser obtido através de simples telefonema anónimo ou activar o alarme de incêndio. Análise de exercícios regulares ou instrução de procedimentos de emergência podem dar informações semelhantes.

Essa técnica também pode ser combinada com ataque real para contornar as medidas de

segurança fixa. Por exemplo, os ocupantes do edifício resistente a bombas com acesso controlado e força de protecção podem ser forçadas a evacuar por ameaça plausível, mas falsa. Muitos planos de segurança respeitem o potencial perigo representado por ameaça e evacuam o edifício. A não ser devidamente seguro, a evacuação torna-os vulneráveis às armas, como o carro-bomba ou técnicas de outros meios de acidente colocados perto das saídas ou num ponto de reunião designado.

Extorsão é o exemplo de ameaça para obter dinheiro, material, informações ou apoio pela força ou intimidação¹⁴. É frequentemente usado durante o período de formação do grupo ou por grupos que não conseguem desenvolver capacidades financeiras mais sofisticadas. No entanto, a oportunidade de se envolverem em dinheiro mais lucrativo ao fazerem actividades, como tráfico de drogas, pode eventualmente substituir a necessidade de extorsão por parte de alguns grupos. A forma de “impostos de guerra” (ou “imposto revolucionário”) ou dinheiro de protecção é a forma de *extorsão*. Dependendo da estrutura da organização terrorista, a logística e células de apoio para extorquir dinheiro de empresas locais em troca de protecção, significa não prejudicar ou incomodar os negócios ou os seus trabalhadores, clientes ou mesmo sócios. Os membros das células de inteligência também podem extorquir para colectar as informações necessárias¹⁵.

Outra forma de extorsão é a *intimidação*. As células de inteligência ou equipa especializada intimidam pessoas para obter informações sobre o inimigo do grupo ou para fornecer recursos. Ameaças de morte contra o indivíduo ou família levá-lo-á a fornecer informações ou recursos ao grupo com o qual não tem interesse. O grupo terrorista também intimida a não tomar medidas. Por exemplo, a segurança inimigo pode não aplicar medidas de segurança exigidas por causa da ameaça. A célula de instrução ou doutrina do grupo terrorista ajuda a criar e manter o receio causado pela extorsão através de acções de propaganda e decepção.

O poder de *extorsão* e *chantagem*, como meio de coagir, não deve ser subestimado. Vários grupos terroristas têm usado com sucesso estas técnicas para forçar os indivíduos a realizar missões suicidas.

Incêndio Criminoso

É a técnica destrutiva usando o fogo, geralmente, em operações de sabotagem contra a propriedade. Permite o efeito significativo de destruição com equipamentos simples e pouco treino. É dos métodos comumente usados em ataque terrorista, ficando atrás apenas o atentado bombista e assassinato em números totais para o período 1980-1999¹⁶.

Desde que o incêndio é usado principalmente contra a propriedade, não é normalmente considerado como produtor de vítimas. No entanto, este pode ainda resultar mortes, com efeito intencional ou não¹⁷. É frequentemente usado para ataques simbólicos e efeitos económicos¹⁸.

Sabotagem

O acto de sabotagem é a característica central do combate clandestino: é basicamente sabotagem¹⁹. A *sabotagem* é a destruição planeada de equipamentos ou infra-estruturas do inimigo. O objectivo é infligir danos físicos e psicológicos. Isso pode ser o incidente criando grande número de vítimas ou grave ruptura de serviços para a população. Demonstra como o inimigo é vulnerável às acções do grupo terrorista. Destruir ou interromper serviços essenciais ou instalações impressiona o poder do sabotador na consciência pública e aumenta a frustração com a inoperância do governo ou inspira outros a resistir.

A sabotagem é o tipo de ataque altamente destrutivo - usa poucas pessoas e às vezes requer somente uma para conseguir o resultado desejado. Quando a guerrilha urbana usa a destruição, o primeiro passo é a *sabotagem isolada*. Em seguida, vem a fase de *dispersão* e de *sabotagem em geral*, realizadas pela população. A sabotagem significa decomposição, desorganização, destruição premeditada, deliberada de uma firma, negócio, fábrica, instalações logísticas ou comunicações, por meio de danos infringidos dolosamente, normalmente, mas nem sempre, emprega a violência. A forma característica da sabotagem é a explosão, usando dinamite, incêndio, ou a colocação de minas.

A sabotagem exige estudo, planeamento e acção cuidada. Um pouco de areia, uma gota de qualquer tipo de combustível, um trabalho de lubrificação deficiente, um parafuso removido, um curto-circuito, inserir pedaços de madeira ou de ferro pode causar danos irreparáveis. O objectivo da sabotagem é magoar, danificar, tornar inútil e destruir pontos vitais do inimigo, como por exemplo:

- Economia do país.
- Produção agrícola ou industrial.
- Transporte e sistemas de comunicação
- Sistemas policiais e militares bem como estabelecimentos e depósitos.
- Sistema policial-militar repressivo.
- Empresas e propriedades dos exploradores do país.

O grupo de terroristas normalmente tem as acções de sabotagem em elementos da infra-estrutura, a fim de reforçar a percepção de que nada é seguro. A acção pode ter impactos económicos, bem como os efeitos adicionais da criação de mortes em massa. Oleodutos, estações de purificação de água, instalações de tratamento de esgoto, centros de controlo de tráfego aéreo e de tratamentos médicos ou centros de pesquisa são apenas alguns exemplos de potenciais alvos. Grupos terroristas utilizam várias técnicas, como o ataque bombista, incêndio criminoso, cibernético ou a contaminação para executar a sabotagem²⁰.

A sabotagem não visa directamente a vida humana mas sobretudo mira instalações materiais. A infra-estrutura é o alvo preferencial. Assim, os meios de transporte, comunicações, tendem a transformar-se em alvos evidentes das acções de sabotagem.

Instalações de suprimentos vitais também são alvos preferenciais para acções de sabotagem²¹. A produção agrícola e industrial, também, pode vir a ser alvos de sabotagem²².

Sabotagem Estratégica

A *sabotagem estratégica* envolve a acção directa de unidades clandestinas especialmente treinadas contra alvos fundamentais como fábricas e instalações militares. As unidades dependem dos relatórios de inteligência para estabelecer prioridades entre esses alvos²³.

Os agentes clandestinos infiltrados nos alvos para manter contacto com funcionários simpáticos e modelos adquirem diagramas, gráficos e planos de defesa. Em seguida, determinam pontos vulneráveis de acesso, máquinas críticas e irreparável, procedimentos de segurança, holofotes, cães e assim por diante. A estreita vigilância da instalação verificada aumenta os dados.

As unidades, em seguida, planeiam o ataque, tendo em conta os factores seguintes:

1. O método de entrada deve ter o elemento surpresa e, por isso, exige compreensão completa da força de protecção e procedimentos de segurança do alvo.
2. Quantidade e o tipo de explosivo e a sua colocação, considerando as vias de acesso, tempo necessário para colocar o explosivo e retirar-se do alvo e qual o tempo do detonador no explosivo.
3. A unidade de cobertura, situada ao observar a entrada e rotas de saída, para interceptar ou emboscar qualquer força terrestre prosseguindo e garantindo a retirada da unidade de sabotagem.

Após o ataque, o líder do grupo faz o relatório detalhado da operação e enviado aos funcionários da organização clandestina e, se houver, às unidades aliadas de apoio, geralmente sediadas no estrangeiro.

Bombas (DEI)

As bombas são a arma preferida para terroristas²⁴ por diversas razões. São altamente destrutivas, flexíveis e suficientes para ser adaptadas à missão, não exige ao operador estar presente e tem impacto psicológico. Para demonstrar a importância em operações terroristas, 63% do total de incidentes terroristas ou actos previstos entre 1980-2001 e em 2003 foram atentados à bomba²⁵.

As bombas têm importante registo histórico e lugar especial no início e pensamento anarquista revolucionário, onde a dinamite era vista como a força de equilíbrio entre o Estado e o indivíduo²⁶. Há somente a dúvida de que os grupos terroristas têm a riqueza de conhecimentos sobre a construção e instalação desses dispositivos. A interacção entre ambos os grupos usando a Internet através de sítios e de formação comum tem facilitado a proliferação de dispositivos eficazes e as tácticas em toda a rede terrorista.

Os atentados à bomba podem ser usados como técnica para efectuar outras operações, como sabotagem ou assassinato, ou pode ser simplesmente tática, para causar o terror através da destruição e mortes produzidas pela explosão. Frequentemente usam-nas nos ataques para provar a vulnerabilidade real da população, independentemente das medidas tomadas pelo governo para a proteger.

Métodos de entrega de bombas são limitados apenas pela imaginação do grupo de planeamento do ataque e da capacidade do manufactor de bombas individuais. Na história recente, bombas direccionais disfarçadas de tijolos em paredes à beira de estradas e detonadas por comando de rádio foram utilizados no território ocupado pelos israelitas. O IRA desenvolveu métodos de detonação remota utilizando dispositivos de detecção de velocidade laser da polícia que pode detonar qualquer bomba programada para responder ao impulso de laser especial na linha de visão e são imunes a contra-medidas electrónicas habituais para bombas de rádio controlado²⁷.

Carros-bomba comumente referidos como *veículo carregado com dispositivos explosivos improvisados* (VCDEI), também são o método muito vulgar utilizado pelos terroristas para entregar a bomba ao seu destino. Além do uso de aviões como VCDEI em 11Set01 e atingiu o *World Trade Center* e o Pentágono, provavelmente o mais conhecido acidente doméstico foi o ocorrido em 19Abr95, quando o camião-bomba explodiu fora do edifício Alfred P. Murrah em Oklahoma City matando 168 pessoas e ferindo centenas. Timothy McVeigh foi condenado e executado mais tarde pelo atentado. O atentado suicida no aquartelamento em Beirute, em Outubro de 1983 matou 241 americanos e do camião-bomba que explodiu perto do quartel militar Khobar Towers em Riade, Arábia Saudita a 25Jun96 ceifou 19 pessoas e feriu mais de 500 pessoas, são os incidentes mais difundidos.

Em 2003, o uso de bombas e, em especial, *dispositivos explosivos improvisados* (DEI) atingiu elevada letalidade usando técnicas de trabalho rotineiros. Terroristas/insurgentes têm dominado o emprego de explosivos na estrada para atacar ambos os indivíduos e colunas/comboios. Muitos DEI são mecanismos volumosos, muitas vezes, feitos a partir de bombas de artilharia e detonados com abridores de portas de garagem ou campainhas. No entanto, os terroristas produzem dispositivos menores que podem ser instalados de forma rápida e ser detonados a longas distâncias. Técnicas de emprego incluem instalação de vários engenhos ao longo da estrada de ambos os lados, às vezes disfarçada como lixo ou até mesmo escondidos em carcaças de animais e ligados em cadeia para explodir simultaneamente. Além disso, os falsos dispositivos são frequentemente instalados em lugares óbvios para desperdiçar o tempo e pessoal de explosivos destacado ou elaborar as metas propostas em emboscada.

O uso de bombas terrorista não se restringe aos ataques de beira de estrada ou VCDEI. Os dispositivos são muitas vezes colocados em local de destino e detonadas remotamente. Dos ataques recentes o atentado terrorista ocorrido na Espanha em Março de 2004. Dez bombas, mochilas com pregos e parafusos acondicionados em torno dos explosivos para estilhaços foram detonados em quatro trens quase em simultâneo, usando telemóveis

para iniciar o dispositivo²⁸. Os resultados foram quase 200 mortos e mais de 1.400 feridos. O governo espanhol do PP atribuiu à ETA mas verificou-se que não passou de manobra eleitoralista e recolocou-se numa célula multinacional de apoiantes da Al Qaeda mas ainda, sem nenhuma certeza, pensa-se que esteja por trás do atentado ou se teve o apoio da ETA.

Os DEI são artefactos explosivos fabricados de forma manual e dissimulados no ambiente com o fim de evitar a sua neutralização e produzir o dano desejado. Os DEI podem apresentar o desenho e aparência muito variados pois é nessa capacidade de transformação e de adaptação reside a chave principal do seu êxito.

O seu emprego por parte de grupos guerrilheiros e terroristas não é novidade. A imensa maioria dos artefactos explosivos pelos grupos terroristas da mais variada inspiração é a prática dos DEI. Por exemplo, os carros bomba da ETA ou mochilas carregadas com explosivos que os *jiadistas* deixaram nos comboios de Cercanias na manhã de 11 de Março.

Sequestro

É, geralmente, a acção contra o inimigo individual proeminente para alguma razão específica. As razões, comuns para o *sequestro* é usado para trocar ou libertar os revolucionários presos ou para forçar a suspensão da tortura na prisão em determinado regime como a ditadura militar ou o desejo de divulgar alguma exigência ou entrega²⁹. O grupo realiza o planeamento detalhado, especialmente em relação movimento da pessoa sequestrada. O risco é relativamente menor do que na tomada de reféns principalmente porque a vítima sequestrada é movida para local controlado pelo grupo. Este faz exigências e está disposto a ficar com a vítima por tempo significativo, se necessário.

O *sequestro* é capturar e manter num lugar secreto longe de olhares, personalidade política ou notória e perigoso inimigo do movimento revolucionário.

Algumas operações de sequestro descambam em assassinatos, muitas vezes, predestinada desde o início. Os terroristas neste caso objectivo, sendo as concessões mediadoras e publicidade obtida durante o processo de negociação não iriam receber se fosse homicídio simples. O sequestro de personalidades são: artistas conhecidos, figuras desportivas ou que estão pendentes nalgum outro campo, mas que têm evidenciado qualquer interesse político pode ser a forma útil de propaganda para a guerrilha, desde que ocorra em circunstâncias especiais e é tratado de modo que o público entende e se solidarize com ele. Estrangeiros ou visitantes constituem outra forma de protesto contra a penetração e a dominação estrangeira.

Tendo reféns pode também ser usado como meio de financiamento da organização. Resgate de pessoas ou grupos presos são a fatia significativa para grupos em diversas regiões do mundo. América Latina tem sido vítima de sequestro terrorista, especialmente pelas FARC e ELN³⁰ na Colômbia. O grupo Abu Sayyaf, nas Filipinas, também utiliza esse método para financiar operações. Embora variem de resgates, muitas vezes, pode ser

muito grande. Dez trabalhadores do consórcio energético espanhol foram sequestrados no Equador, em Outubro de 2000, acredita-se estarem ligados ao Exército Popular de Libertação da Colômbia. As companhias de petróleo eventualmente pagaram US \$13 milhões de resgate pela libertação.

Outro exemplo com o sequestro é o caso do coronel fuzileiro William (Rich) Higgins. Desapareceu em 17Fev88, enquanto servia como chefe, do Grupo de Observadores do Líbano e Observador Militar Sênior da Organização das Nações Unidas. Foi sequestrado e mantido pelos terroristas apoiados pelo Hezbolá iraniano e depois assassinado. A imagem do corpo pendurado numa corda foi lançada para a imprensa em Julho de 1989. Os seus restos mortais continuaram a ser mantidos até serem libertados em Dezembro de 1991.

Outro exemplo foi o sequestro do Brigadeiro-general James Dozier, funcionário americano sênior do quartel-general da NATO em Verona, Itália, pelos terroristas das Brigadas Vermelhas em 17Dez81. O alvo do general Dozier quebrou o padrão anterior de actividades terroristas na Itália desde os grupos terroristas haviam concentrado suas acções contra personalidades italianas, como altos políticos italianos, industriais, juristas, editores de jornais e autoridades policiais. Na sequência do rapto do general Dozier, inúmeras outras ameaças foram recebidas fornecendo a clara indicação de que a situação tinha mudado na Itália e outros americanos e instalações americanas eram alvos potenciais para as acções dos terroristas³¹.

Os terroristas efectuaram vigilância à residência do general Dozier pelo menos 30 dias a partir de posições num parque e numa paragem de autocarro frente ao prédio. As técnicas utilizadas foram jovens em pé na paragem e casais jovens na área do parque. Além disso, os terroristas estiveram no apartamento pelo menos duas vezes enquanto colocavam contadores. Dois homens fingiram ser canalizadores efectuaram o sequestro. Disseram ao general Dozier que havia ruptura de canos no apartamento de baixo e queriam determinar se vinha do seu apartamento. Como as rupturas eram comuns no edifício deixou-os entrar no apartamento, nesse momento o rapto foi executado. Depois de ser mantido durante 42 dias, foi resgatado pela polícia italiana³².

O *sequestro* e assassinato periódico das vítimas são técnicas recorrentes dos terroristas. A série de recentes sequestros membros civis e militares e assassinatos no Médio Oriente receberam significativa cobertura da mídia internacional.

Tomada de reféns

É tipicamente a evidente captura de pessoas para obter publicidade para a causa, ganhar concessões políticas, asilo político, libertação de prisioneiros, ou resgate. Muitas vezes, os terroristas têm reféns com a intenção de os matar depois de acreditarem ter plenamente explorado a cobertura mediática da situação.

Ao contrário do sequestro quando a pessoa proeminente é normalmente tomada e mudada para local desconhecido, os reféns não são, geralmente, figuras conhecidas da sociedade do inimigo. Enquanto dramático, situações de reféns é frequentemente arriscado para o grupo terrorista, especialmente, quando realizadas em território inimigo. Expõem-se a operações militares ou policiais hostis e possuem a possibilidade significativa de ambos fracassar a missão e captura. Portanto, terroristas tentam manter reféns, geralmente, em zona neutra ou amigável e não em território inimigo. Desde a tomada de reféns, os benefícios devem justificar a realização deste tipo de operação por ser arriscada. Por exemplo, se o inimigo capturar o líder ou membros principais do grupo terrorista, o grupo pode levar reféns para trocar por pessoal-chave.

O excelente exemplo da situação de refém foi o cerco do teatro de Moscovo em Outubro de 2002. Trinta e quatro terroristas chechenos tomaram o teatro, ameaçando matar todos os reféns se os russos não atendessem as exigências. Os rebeldes exigiam às forças russas para acabar com a guerra na república separatista da Chechénia. Na sequência de longo impasse, as forças russas assaltaram o teatro: sessenta e sete reféns morreram, bem como os trinta e quatro terroristas. No entanto, 750 reféns foram libertados.

Outro exemplo é o sequestro do voo 847 da TWA de Atenas (Grécia) para Roma (Itália) em 1985 por dois membros do Hezbolá. Mantiveram o avião e 153 reféns por 17 dias exigindo a libertação de prisioneiros libaneses e palestinianos. Os reféns foram libertados só depois de Israel libertar 435 prisioneiros. No entanto, o mergulhador da Marinha americana, Robert Stethem, foi morto e o corpo despejado na pista durante o ordálio.

Libertação de Prisioneiros

A libertação de prisioneiros é a acção armada destinada a libertar guerrilheiros urbanos. Na luta diária contra o inimigo, o guerrilheiro urbano está sujeito a detenção e pode ser condenado a anos de prisão ilimitada consoante a lei vigente.

A batalha não termina aqui. Para o guerrilheiro, a experiência é aprofundada pela prisão e a luta continua até nos calabouços. O preso vê as prisões do inimigo como terreno que deve dominar e entender para se libertar pela operação de guerrilha. Não há nenhuma prisão, seja numa ilha, penitenciária da cidade ou numa fazenda, que seja invulnerável à astúcia, inteligência e poder de fogo dos rebeldes. As operações a serem usadas em libertação de prisioneiros são as seguintes:

- Motins nos estabelecimentos penais, colónias de correcção ou acampamentos, ou no transporte ou na prisão de navios.
- Assaltos em prisões urbanas ou rurais, centros de detenção, campos de prisioneiros ou em qualquer outro lugar permanente ou temporária, onde prisioneiros são mantidos.
- Ataques a comboios de transporte ou escoltas de prisioneiros.
- Incursões e penetrações em prisões.
- Emboscadas aos guardas que deslocam prisioneiros.

Ataque Surpresa ou Emboscada

O *ataque surpresa* é similar no conceito à operação convencional, mas geralmente, é realizado com forças menores contra alvos marcados para a destruição, sequestro ou reféns/operações de bloqueio. Nestes casos, o ataque permite o controlo da meta para a execução de alguma outra acção. O sequestro ou assassinato do alvo que tem a força de segurança pode muitas vezes requerer acção para superar as defesas. Execução bem sucedida destes ataques tipo exige vigilância pré-operacional extensa e planeamento detalhado.

Exemplos deste tipo de tática foram os ataques a três complexos de habitação ocidentais em Riade, na Arábia Saudita, em 11Mai03. Os atacantes penetraram em cada bairro e, em seguida veículo detonaram o DEI. O ataque no bairro em al-Hamra demonstra as táticas usadas num ataque como este: um Toyota Sedan parou à porta, seguido por Chevrolet Suburban. Vários terroristas, então apeados, dispararam contra o guarda e depois forçam caminho para o bairro. Como ambos os veículos se dirigiram ao centro do complexo, os terroristas atiraram sobre edifícios e a qualquer alvo em movimento. Assim, ao chegaram à área da habitação, o terrorista suicida detonou o explosivo no Chevrolet Suburban³³.

A *emboscada* é também ataque surpresa mas caracterizado pela violência de execução e rapidez de acção. Este ataque surpresa é geralmente a partir de posição oculta e com o fogo concentrado imprevisto. O efeito máximo é alcançado quando a força cilada não vê a *força de emboscada* e a sua área de circulação é limitada. A *força de emboscada*, geralmente, tem a vantagem do campo de tiro curto e rotas cobertas de retirada. Os terroristas usam essa tática semelhante ao conceito de operações militares convencionais. O objectivo pretendido pode ser causar mortes em massa, assassinar pessoas, ou perturbar as operações de segurança hostil. Explosivos, como bombas e minas direccionais, são materiais comuns usados em emboscadas. São poderosos e podem ser detonadas remotamente. Outras armas usadas são os lançadores de foguetes, armas automáticas e pistolas. Outra peça do xadrez é o franco-atirador guerrilheiro (urbano ou não) é o tipo de lutador, especialmente adequado para emboscadas porque esconde-se facilmente nas irregularidades do terreno, sobre os telhados e os topos dos edifícios e apartamentos em construção. De janelas e lugares escuros, pode mirar cuidadosamente o alvo escolhido. A *emboscada* tem efeitos devastadores sobre o inimigo, deixando-o nervoso, inseguro e temeroso. As variedades de táticas de emboscada e poder de fogo utilizadas pelos terroristas têm sido repetidamente demonstrado no Iraque durante os últimos anos como as forças da coligação e os civis são atacados.

No entanto, esta é a tática comum usada por grupos terroristas em todo o mundo. Os terroristas na Europa emboscaram o carro de ambos general Haig e general Kroesen³⁴. No entanto, os terroristas não limitaram os seus objectivos apenas para indivíduos proeminentes. Nos Balcãs, em Agosto de 2001, terroristas albaneses emboscaram um comboio das forças de segurança macedónio usando morteiros e lançadores de foguetes matando 10 membros da força de segurança.

Exemplo do ataque composto foi o atentado em Bali, em 12Out02, atribuído à Jemaah Islamiyah, grupo terrorista islâmico ligado à Al Qaeda. Inicialmente, a bomba foi detonada accionada electronicamente num bar que forçou os consumidores irem para a rua. O ataque composto foi concluído quando um carro-bomba muito mais poderoso foi detonado na rua em frente de outro estabelecimento. O resultado foi 202 mortos e 209 feridos³⁵.

As *emboscadas* terroristas são frequentemente conduzidas a partir de várias plataformas móveis. Automóveis, camionetas e motocicletas têm sido utilizadas para esconder os atacantes, isolar ou imobilizar o alvo e então permitir aos atacantes escaparem. Geralmente, as emboscadas destinam-se a:

Captura de armas e suprimentos. Ernesto “Che” Guevara referia que o objectivo principal da emboscada é a aquisição de armas, mas apenas em situações especiais devem ser feitos ataques sem a perspectiva de capturar armas.

Bloqueio de movimentação de tropas e suprimentos. O *vietmin* em 1950-54 usava a emboscada de forma eficaz contra unidades francesas de relevo³⁶.

Uso de diversão da emboscada. A emboscada é também tática diversionista amplamente utilizado. Por exemplo, as unidades de clandestinas em perigo de serem cercadas por forças de segurança podem emboscar parte das tropas de cerco, desviando a atenção das forças de segurança da operação de cerco. Mais, a emboscada pode atrair a atenção das forças de segurança suficiente para os números de tropas para cruzar com sucesso importantes rodovias ou outras áreas estratégicas.

Outros usos. A *emboscada táctica relâmpago* (ou bate-e-foge) é usada para o assédio, captura ou destruição das tropas inimigas. No Vietname, por exemplo, a pequena diversão criada na estrada perto do campo de força de segurança pelo incêndio de autocarro de passageiros ou roubar bilhetes de identidade dos civis. Receber informações do ataque, as forças de segurança vá para o local do ataque e são emboscados no caminho e ainda nos seus veículos. Ocasionalmente, o *vietcong* usava o ataque a um posto no governo como chamariz. Os defensores pedirem ajudar quando a força de guerrilha muito maior se prepara para emboscar a coluna de relevo na rota prevista.

Também é usado para capturar pessoal inimigo para interrogatório ou para sequestrar ou assassinar altos funcionários do governo e oficiais do exército. Noutra variação, estudantes vestidos como soldados do governo pode emboscar e roubar civis inocentes para virar o povo contra o governo.

A *emboscada táctica* é fundamental a utilização do menor número possível de indivíduos que empregam o princípio militar de surpresa e evitar o combate aberto com forças numericamente superiores. Os *vietmin* iludiam com esta tática a maioria dos franceses ao tentar limpar as *forças de emboscada*. Os manuais *vietmin* sublinhavam que as forças de cerco nunca foram fortes em todos os pontos e que num ataque forte e sustentado poderia abrir uma brecha de escape. Dirigir a *força emboscada*, presa num cerco

apertado, para concentrar todo o fogo no ponto mais fraco da força à sua volta a fim de combater a sua saída. O manual também aconselhava a *força emboscada* a se retirar quando o perigo de cerco fosse provável³⁷.

Captura

A tomada de algum elemento crítico da infra-estrutura, semelhante à tomada de reféns nas intenções, pode ser local físico, como instalação de grande importância para a população-alvo, ou o nó cibernético que perturbe ou se oponha uso de funções ciber seleccionadas. As *ocupações* são o tipo de ataque realizado quando as estações de guerrilha urbana se em estabelecimentos e locais específicos para a acção temporária contra o inimigo ou algum propósito de propaganda.

A *ocupação* de fábricas e escolas durante greves ou noutros momentos, é o método de protesto ou de distrair a atenção do inimigo. A *ocupação* de estações de rádio é para propósitos de propaganda. A *ocupação* é o modelo altamente eficaz para a acção, no entanto, para evitar perdas e danos materiais às forças, é sempre melhor planejar sobre a possibilidade de retirada forçada. Deve sempre ser meticulosamente planeada e executada no momento oportuno. Ocupações têm sempre limite de tempo, e as mais rápidas de serem completadas o melhor.

Assassinato

O assassinato é a acção deliberada de matar pessoas específicas, geralmente VIP (líderes políticos, cidadãos notáveis, colaboradores, particularmente funcionários executivos, etc.), contra o assassinato de gente comum, que é considerado crime. O grupo terrorista assassina ou mata pessoas não pode intimidar indivíduos que abandonaram o grupo, pessoas que apoiam o "inimigo" ou pessoas que têm algum significado simbólico para o inimigo ou comunidade do mundo. Os grupos terroristas referem-se a esses assassinatos como "castigo" ou "justiça" como forma de os legitimar. Em 1981, o presidente egípcio Anwar Sadat foi assassinado por fundamentalistas islâmicos por causa do seu apoio à paz no Médio Oriente e o relacionamento com o Ocidente. Em Setembro de 2001, líder da Aliança do Norte, Ahmed Shah Massoud foi assassinado no Afeganistão por dois bombistas suicidas, acredita-se serem da Al Qaeda, devido à oposição ao regime talibã e da presença da Al Qaeda no Afeganistão.

Muitos alvos de assassinato são simbólicos e destinam-se a ter grande impacto psicológico sobre o inimigo. Por exemplo, assassinar um oficial do governo inimigo, empresário bem sucedido, ou clérigo proeminente pode demonstrar incapacidade do inimigo para proteger o próprio povo³⁸. Pelo contrário se forem representantes locais da ordem social ou cívica, como professores, contribui para a desordem, enquanto desmoralizador para outros membros do governo local e desencoraja a cooperação com eles.

Materiais impressos e vídeos de treino da Al Qaeda forneceram o guia sobre diferentes

métodos para efectuar assassinatos e também detalhes das partes vitais do corpo com cada método³⁹. Métodos de assassinatos incluem bombas detonadas remotamente, uso de armas de fogo, facas, armas pesadas, como lançadores de foguetes anti-tanque e envenenamento. No entanto, bombas e tiroteios são métodos comuns.

Infelizmente, os terroristas têm sido bem sucedidos nalgumas tentativas de assassinato⁴⁰. Em Abril de 1989, rebeldes comunistas do Novo Exército do Povo nas Filipinas assassinaram o assessor militar americano, coronel James Rowe. Morto numa emboscada em movimento onde o fogo de armas pequenas venceu a protecção do veículo oficial blindado. Este grupo, DFTO⁴¹, baseado nas Filipinas, atacou os americanos que consideravam directamente ligados à campanha militar filipina realizada contra o seu grupo.

O assassinato de lideranças inimigas pode transformar-se em eficiente instrumento da guerra irregular. O assassinato difere da incursão, pois não se supõe haver luta armada, portanto procura-se apanhar a vítima inimiga indefesa.

Execuções

A *execução* é matar algum espião estrangeiro, agente do regime, torturador da polícia, qualquer personalidade (ditatorial ou não) do governo envolvidos em crimes e perseguições contra os patriotas, delatores, informantes, agente de polícia ou polícia provocador. Aqueles que vão à polícia por livre arbítrio para fazer denúncias e acusações, fornecem informações ou quem manipula as pessoas, devem ser executados quando presos pela guerrilha.

A execução é a acção secreta, onde o menor número possível de membros da guerrilha está envolvido. Em muitos casos, a execução pode ser realizada por um único atirador, paciente, firme, sozinho e desconhecido e opera em absoluto sigilo e a sangue frio - geralmente a célula destacada somente para este género de operações não se envolvendo noutras ordens de operações.

Armas de Destruição em Massa ou Efeito (ADM/E)

Listar a categoria como armas de destruição em massa ou efeito reconhece a ampla gama de capacidades específicas de grupos terroristas que gostariam de as adquirir. Uma vez adquirido, esta capacidade pode permitir a resultados catastróficos através de numerosos meios de entrega. Estas armas tipo incluem produção de explosivos químicos, biológicos, radiológicos, nucleares, e explosivos de grande rendimento.

Incursão

É a acção armada que busca o objectivo tático. A incursão é a acção operacional. Na *incursão*, diferentemente do acto de terror ou do acto de sabotagem o militante efectivamente seduz-se pela luta armada. A identificação dos pontos fracos do adversário

proporciona oportunidades para as incursões e estas devem ser bem planeadas. O início do planeamento é o reconhecimento e a observação. Daí decorre a escolha do alvo. O reconhecimento do alvo e de tudo que lhe cerca é fundamental para garantir o êxito. A garantia da supremacia de fogo no instante da incursão é outro elemento de garantia do êxito. Tem de se pensar na montagem do grupo de acção para realizar a incursão. Três grupos, pelo menos, devem formar o conjunto que vai realizar a incursão:

- O grupo de acção;
- O grupo de apoio; e
- O grupo de segurança.

Nada substitui na *incursão* a surpresa. Esta é essencial para o sucesso da mesma e decorre de quatro factores:

- Atacar sempre de onde é menos provável e sempre de direcção inesperada;
- Atacar quando achar que tudo sabe e que o adversário nada sabe;
- Atacar sempre de forma parcimoniosa e mantendo reservas; e
- Atacar sempre explorando o espaço e o tempo.

O ataque é súbito contra força inimiga estacionária ou instalada. É caracterizada por movimentos encobertos, acção de combate breve, mas concentrada, desobstrução brusca e retirada rápida.

Os efeitos do ataque são:

- Destruir ou danificar material, equipamentos ou instalações;
- Capturar suprimentos, equipamentos ou pessoal-chave;
- Infligir baixas ao inimigo e os seus apoiantes, e
- Assediar ou desmoralizar o inimigo.

Tal como na emboscada, a chave do sucesso está no *ataque surpresa*: atacar o inimigo onde e quando menos espera, para tirar proveito do tempo, visibilidade, terreno e outros factores ambientais⁴².

A eficácia do ataque repousava sobre planeamento cuidado e na inteligência. A retirada bem-feita é tão importante como a acção em si. A fuga deve ser bem planeada na *incursão*. A grande maioria das pistas - que podem denunciar os militantes - aparece na fuga. É sempre bom lembrar que quanto menor o número de militantes envolvidos nesta missão mais fácil é o retraimento.

Qualquer incursão deve ser, logo após a ocorrência, divulgada. Esta só acaba quando for difundida. As primeiras notícias de qualquer facto são as que mais impressionam.

A *incursão* pode ser feita de forma combinada com outras formas de acção do combate clandestino, como os actos de terror ou de sabotagem, sequestro e assassinato. As outras actividades são todos actos de natureza criminosa, mas a *incursão* deve ser vista de forma diferente, é o acto de natureza militar. Podem ser vistas como verdadeiros actos de

guerra. Na *incursão*, diferentemente do acto de terror ou do acto de sabotagem o militante efectivamente alista-se na luta armada.

Técnica Terrorista

O terrorismo é a acção, usualmente envolvendo a colocação de explosivo ou bomba incendiária de grande poder destrutivo, o qual é capaz de infligir perdas irreparáveis ao inimigo quer físicas, psíquicas e materiais. A *técnica terrorista* requer que a guerrilha tenha o conhecimento teórico e prático de como fazer explosivos.

Este acto, fora a facilidade aparente na qual se pode realizar, não é diferente dos outros da guerrilha e acções na qual o triunfo depende do plano e da determinação da organização revolucionária. É a acção onde a guerrilha deve executar com muita calma, decisão e sangue frio.

Ainda que o terrorismo geralmente envolva explosão, há casos no qual pode ser realizada execução ou incêndio sistemático de instalações, propriedades e depósitos norte-americanos, fazendas, etc. É essencial assinalar a importância dos incêndios e da construção de bombas incendiárias como bombas de gasolina na técnica de terrorismo revolucionário. Outra coisa importante é o material que a guerrilha pode persuadir o povo a expropriar em momentos de fome e escassez, resultados dos grandes interesses comerciais. O terrorismo é a arma táctica que o guerrilheiro não pode abandonar.

Ameaças de Aeronaves

A preocupação importante é a tentativa por parte de terroristas para abater aeronaves que utilizam alguma forma de *sistemas portáteis de defesa aérea* (MANPADS) ou improvisar outros sistemas para este fim. Há um número de armas que os terroristas podem usar para derrubar aeronaves e têm demonstrado no passado que podem ser bem-sucedidos.

Embora parte das operações militares, provavelmente, o incidente mais notável por terroristas/insurgentes - a queda da aeronave militar em Mogadíscio, Somália, em 1993. Em cumprimento da Resolução 814 da Segurança das Nações Unidas, os EUA estavam a executar a operação de ataque surpresa para capturar alguns dos mais próximos apoiantes do líder de um dos clãs rivais somali, o general Mohammed Farah Aideed. Durante este ataque, dois helicópteros UH-60 Blackhawk foram abatidos com RPG (Lança granadas-foguetes). Os EUA haviam subestimado Aideed a capacidade para abater helicópteros usando esse tipo de sistema. No entanto, tinha trazido soldados fundamentalistas islâmicos do Sudão e teve a experiência de abater helicópteros russos no Afeganistão, para treinar os seus homens a usar o RPG no papel de defesa aérea⁴³. Mais uma vez, as forças militares perceberam a ameaça representada pelo RPG numa missão de defesa aérea no Afeganistão em 2002, quando dois helicópteros MH-47 Chinook foram derrubados na área Shah-e-Kot por este mesmo sistema.

Ameaças Marítimas

Os ataques terroristas contra alvos marítimos são bastante raros e representam apenas 2% de todos os incidentes internacionais ao longo dos últimos 30 anos⁴⁴. No entanto, há história de terrorismo marítimo e as autoridades marítimas em todo o mundo estão cada vez mais preocupadas com os ataques terroristas tanto em portos e como em navios. De facto, alguns analistas de inteligência acreditam porque as bases são melhor protegidas, os terroristas voltam-se para as infra-estruturas marítimas, porque vêem nestas como “simples” alvos⁴⁵.

Prováveis operações realizadas pelo terrorismo marítimo incluem ataques suicidas contra navios comerciais e militares e sequestro para os fins seguintes:

- Realização de posterior ataque suicida em navio ou porto;
- Em busca de dinheiro;
- Contrabando de armas e explosivos;
- Pirataria simples⁴⁶.

Embora alguns grupos terroristas tenham desenvolvido a capacidade de transporte marítimo, tem havido algumas exceções, para incluir o Exército Republicano Irlandês, grupo Abu Sayyaf baseado nas Filipinas, vários grupos palestinos, a Al Qaeda e os Tigres de Libertação da Pátria Tamil (LTTE)⁴⁷ no Sri Lanka. De facto, o LTTE tinha a capacidade muito grande para incluir tanto as costas marítimas e embarcações de águas profundas e têm desenvolvido a reputação de ser a melhor do mundo nesta arena⁴⁸. Afirmam ter cerca de 3.000 profissionais treinados e entre 100 a 200 navios de superfície e sob água, incluindo navios de ataque, de logística, transporte rápido de pessoal, embarcações de suicídio e embarcações multi-intentos. Além disso, têm usado a gama de tecnologias, incluindo embarcações de suicídio discretas, mini-submarinos e torpedos suicidas⁴⁹.

As informações apresentadas na Conferência Pacífico Asiático, em Setembro de 2002, sobre terrorismo relataram que a Al Qaeda tinha obtido vários navios e sistemas capazes de realizar ataques contra os navios e portos marítimos. Estes mini-submarinos incluídos, sistemas torpedo humanos e mergulhadores treinados em demolições subaquáticas. Os navios maiores são comerciais, usados para gerar receitas para a Al Qaeda. No entanto, há preocupação deles poderem ser preenchidos com explosivos e usados como bombas flutuantes para chocar com outros navios ou instalações portuárias⁵⁰.

A Organização Marítima Internacional alertou que o *gás natural liquefeito* (GNL) e outros navios transportadores de cargas voláteis poderiam ser sequestrados e usados como armas de destruição em massa. Na verdade, na informação anual do Conselho de Segurança Marítima na cimeira da Organização da Segurança Marítima Internacional, em Outubro de 2002, afirmou que um grande navio carregado com o GNL poderia resultar em explosão equivalente a .7 mega detonação nuclear (a bomba lançada sobre Hiroshima, no Japão era de 15 quilotoneladas)⁵¹. O dano que isso poderia fazer, se for em porto, como a Base Naval de Norfolk, seria bastante substancial.

O mais conhecido ataque terrorista marítimo contra os militares americanos é o ataque ao USS Cole, ocorrido em Outubro de 2000. Dois bombistas suicidas num barco pequeno carregado de explosivo com carga de Travessa atacaram o navio quando foi reabastecer no porto de Aden, no Iémen. A explosão fez o buraco com 9 a 12 m num lado do USS Cole, matando 17 e ferindo 39 tripulantes incluindo os bombistas. O membro da Al Qaeda que se acredita ter planeado o ataque ao USS Cole, Mohammed Al-Abda Abdulrahim Nasheri, foi detido em 2002. Supostamente, deu informações de que os terroristas planeiam realizar mais ataques marítimos. Confessou para planejar ataques contra a navegação no Estreito de Gibraltar, usando lanchas carregadas de bombas contra os EUA e navios de guerra britânicos quando passavam através do estreito. Felizmente, o serviço de inteligência marroquina frustrou a trama⁵².

Táticas Suicidas

São métodos especiais de entrega de bomba ou realizar assassinato. São definidos como «acto de terror, empregando engenho explosivo ou incendiário que exige a morte do autor para a implementação bem-sucedida»⁵³. Trata-se de indivíduo vestido ou carregado com artefacto explosivo em área movimentada ou outro alvo e detoná-lo, ou conduzindo veículo carregado com explosivos ao alvo e, em seguida detonar o dispositivo.

Os ataques suicidas são diferentes em conceito e execução de operações de “alto risco”. Na missão de alto risco, o resultado provável é a morte do(s) terrorista(s), mas o sucesso da missão não exige os participantes morrerem. O plano permitirá a possível fuga ou sobrevivência dos participantes, não importa o quão magra sejam as hipóteses. Usar o suicídio como tática exige a morte do(s) participante(s) para atingir o sucesso.

O *bombista suicida* constitui a munição com precisão guiada muito eficaz, no sentido tático imediato, mas tem impacto muito maior a partir de considerações de natureza psicológica e aparentemente imparável da arma/tática. Não há dúvida de que o atentado suicida pode resultar em muitas baixas, causar grandes danos, atrair ampla cobertura mediática e, normalmente, garantir de que o ataque será realizado no momento e local mais apropriado em relação à situação no local de destino.

Apesar do suicida poder ser terrorista solitário, trabalhar independentemente, o uso do *terrorismo suicida* como tática é normalmente o resultado da decisão consciente por parte dos líderes de organizações terroristas a exercer este tipo de ataque. É frequentemente realizado como campanha para objectivo específico (por exemplo, a retirada das tropas estrangeiras, interrompendo as negociações de paz)⁵⁴.

Muitas vezes pode ser o sinal de que o grupo terrorista não cumpriu objectivos através de medidas menos extremas e exige vantagem tática, bem como o potencial de inspiração para a sua posição e papel, que o atentado suicida fornece⁵⁵. Também pode indicar exigências operacionais específicas que podem ser atendidas de outra forma.

Embora muitas vezes associadas a grupos religiosos do Médio Oriente, esse tipo ataques não são exclusivas deste tipo de organizações terroristas. Ambos os grupos de motivação religiosa e secular têm utilizado esta tática. Motivações individuais por parte dos suicídios activos incluem convicções religiosas ou políticas, o ódio e sendo coagido pelo grupo terrorista para o ataque. Além do Médio Oriente, os ataques suicidas têm sido realizados na Índia, Panamá, Argélia, Paquistão, Argentina, Croácia, Turquia, Tanzânia, Quênia⁵⁶, Chechénia, Rússia e Estados Unidos. No entanto, o único e mais prolífico grupo terrorista suicida é os Tigres Tamil (LTTE) no Sri Lanka. Não são inspirados por motivos religiosos, mas mais por devoção ao seu líder, Velupillai Prabhakaran⁵⁷.

Como em qualquer outra operação terrorista, a pré-operacional de vigilância e reconhecimento amplo, planeamento exaustivo, ensaios e de recursos suficientes será dedicada à operação de empregar o suicídio como segredo tático⁵⁸. O segredo é crítico para o sucesso da missão suicida, a fim de manter a elemento surpresa. Os bombistas suicidas raramente são lunáticos para trabalhar sozinhos, mas geralmente, são membros do grupo terrorista que foram recrutados, doutrinados e treinados. Os grupos de escrever os textos para os vídeos normalmente feitos e transmitidos após o ataque e tirar fotos são usados para cartazes de propaganda.

Embora historicamente o macho domina a arena, as mulheres estão cada vez mais envolvidos nestas operações deste tipo. Na verdade as mulheres do LTTE participaram entre 30 a 40% dos cerca de 200 atentados suicidas nos ataques Sri Lanka⁵⁹. Os ataques suicidas também têm sido conduzidos por mulheres chechenas e palestinas, assim como, os ataques realizados por mulheres no Iraque, Turquia e Marrocos. Além disso, o relatório do FBI manifestou sobre a formação de unidades de mulheres da Al Qaeda⁶⁰.

Outra tendência é a utilização de adolescentes em ataques terroristas. Adolescentes palestinianos foram envolvidos em ataques contra Israel por mais de três anos. Em Fevereiro de 2004, três crianças, com idades entre 13, 14 e 15 anos foram presos porque estavam a planear o ataque a Norte da cidade israelita de Afula. Entretanto, o uso de crianças e adolescentes em ataques suicidas tornou-se evidente a 16Mar04, quando um garoto de 11 anos foi parado no posto de controlo israelita com uma bomba na mochila. Embora se acredite o rapaz não tinha conhecimento da bomba, mais tarde, nesse mês, outro com 14 anos foi parado num posto vestido com explosivos e vestes de bombista suicida⁶¹.

A operação típica envolvendo o suicídio pode exigir numerosas pessoas de apoio, alguns por longos períodos de tempo. As especializadas operações de suicídio, tais como o assassinato, podem exigir 60 ou mais funcionários e agentes de sofisticadas técnicas de manipulação. Estes indivíduos de apoio são usados para fornecer acomodações, transportes, alimentos, roupas e segurança para os bombistas até atingirem o alvo. Agentes residentes também ajudam a fornecer informações para o funcionamento e os membros da célula de inteligência confirmam⁶².

O primeiro grande atentado suicida às forças militares EUA foi o ataque do Hezbolá ao

quartel da Marinha no Líbano em Outubro de 1983 quando 241 americanos foram mortos. Ataques suicidas também foram utilizados contra as forças da coligação no Iraque durante a “Operação Iraque Livre”. Em 27Dez03, 12 iraquianos e seis soldados da coligação foram mortos e 100 iraquianos e 26 soldados da coligação ficaram feridos quando quatro bombistas conduziram ataques coordenados na cidade de Kabala⁶³. Infelizmente, estes tipos de ataques continuaram no Iraque, sem sinal nenhum de relevo no futuro próximo.

Organização e Táticas Insurgentes

As forças insurgentes são grupos que conduzem a *guerra irregular* ou *não convencional* dentro das fronteiras do seu país a fim de minar ou derrubar qualquer governo constituído ou autoridade civil. A distinção entre os terroristas e insurgentes é frequentemente turva devido às táticas usadas por cada um. Alguns grupos terroristas tornaram-se organizações insurgentes, enquanto as organizações insurgentes usam táticas de terror. A organização insurgente pode usar mais de um tipo de tática e, com base na sua estratégia, as acções poderiam cortar todo o espectro da guerra - que empregam o terrorismo, guerrilha e táticas militares convencionais para atingir os objectivos. Normalmente, os grupos mais rebeldes usam os dois primeiros.

O Estado identifica e apoia as insurgências que acredita, puderem ajudar a promover os objectivos políticos da região. O grau e tipo de apoio prestados são fortemente influenciados pelas ramificações políticas. O apoio pode consistir: em *apoio político* e *material*; ainda em aberta, ou pode ser puramente *material* e *clandestino*. Em ambos os casos, o objectivo é conseguir a maior influência sobre essas organizações, como possível e levá-los a tomar as acções benéficas para o Estado.

Terrorismo: arma de guerra psicológica poderosa

O terrorismo é a arma psicológica da guerra revolucionária mais importante, no processo de subversão, pois em conjunto a série de actos de violência sistemática, visa paralisar a resistência do inimigo, sacudir a indiferença e facilitar a comunicação de massas ou seja, define a mais escura tática ilegal da guerra psicológica. Métodos terroristas incluem assassinatos. Maozedong dizia: «Matar um e aterrorizar dez mil». A intimidação através de represálias, raptos, chantagem e até diplomacia⁶⁴ coerciva ameaçante.

O objectivo final de actos terroristas é a de separar a população civil das autoridades legais, criando o estado de tensão ou ansiedade, criar o caos e a instabilidade, para convencer os habitantes da área afectada que o grupo rebelde é insubmisso e difícil de definir, porque está em risco a estabilidade do regime político. As ligações entre o terrorismo e a propaganda subversiva são típicas e são interdependentes. Cada um permite abrir o caminho do outro e por alguma circunstância estranha de medo colectivo o vilão torna-se herói quando o impacto psicológico colectivo começa a ser aparente. Se o terrorista for bem sucedido durante a primeira onda de ataques, a propaganda subversiva trará à população simpatia, admiração ou medo parte que está mais perto

deles.

Continua...

* Sargento-ajudante de Infantaria. Doutorado em Antropologia, pós-graduado em Comunicação e Marketing Político; Recursos Humanos; Curso Geral de Jornalismo.

1 *Provisional Irish Republic Army* (Exército Republicano Irlandês Provisório).

2 **Nota:** “Eficaz” no presente caso, não significa necessariamente moderno ou destrutivo, mas o mais apropriado para provocar os efeitos desejados como alvo: facas, machetes, faca de mato e outras armas afiadas têm sido amplamente utilizadas contra as vítimas do terrorismo na era moderna, porque o público-alvo vê-los como particularmente sangrenta e bárbara.

3 A Escola das Américas diz: «...O terror é a forma de guerra eficaz e barata. Não é necessário ter a força bem equipada armada para implementar operação terrorista bem sucedida...»

4 Rapoport, David. C. (1985), “Introdução” in *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona.

5 O terrorismo é exemplo dos perigos de amoralismo realista extremo, de concepção *clauswitziana* da necessidade de vencer a todo o custo, sendo para tal necessária, a destruição total do inimigo, num crescendo contínuo de violência, seja em nome dos interesses dos Estados ou de ideais políticos ou religiosos.

6 Por exemplo, os comunistas, através da ênfase na ideologia do centralismo democrático, técnicas de crítica e auto-crítica, sistema de comissões e de estrutura de células, criaram alto grau de coesão. Além disso, as técnicas parecem ser eficazes no fornecimento de experiências na informação para a liderança. As sessões de crítica, autocrítica sobretudo servem para reforçar os padrões normativos de comportamento estabelecidos durante a doutrinação.

7 Nem que tenha de representar como fervoroso adepto do sistema contra a própria organização para que nunca se pense que este pertence ou trabalhe para a organização subversiva.

8 Michael Walzer (2000), *Just and Unjust Wars: A moral argument with historical illustrations*, Nova Iorque, Basic Books.

9 O temor provocado pelo número crescente de casos de antraz após os atentados terroristas de 11Set - e a possibilidade de ataques com outras armas biológicas como o vírus da varíola ou a toxina do botulismo, entre outras - demonstra a falta de preparo das autoridades mundiais para lidar com o terrorismo biológico. O levantamento realizado pelos norte-americanos mostrou que 30 kg de esporos de antraz, se aplicados em área densamente povoada, como Nova Iorque, é capaz de provocar 500 vezes mais mortes do que 300 quilos da arma química Sarin. Diz o estudo: «Cerca de 114 quilos de antraz espalhados em Washington poderiam causar três milhões de mortes, muito mais do que a bomba de hidrogénio com um milhão de toneladas de TNT».

10 Ver Major-general Raúl François Carneiro Martins, *Acerca de “Terrorismo” e de “Terrorismos”*, in IDN Cadernos, Lisboa Out10 - Este trabalho, importante, pretendeu, segundo o autor, ser modesto contributo para a reflexão sobre este tema, que nele é abordado de forma muito geral, tentando discernir e abranger não só as mais

importantes das suas múltiplas conexões com o ambiente social, como também as principais modalidades que contém.

11 Estas diferenças são muito difíceis de sustentar quando se refere ao terrorista doméstico ou nacionalista, pois pela própria natureza, tem o apoio social mais amplo e interclassista. Por essa razão, este tipo de terrorismo é essencialmente diferente da guerrilha urbana, onde raramente aspira, realmente, realizar a transformação revolucionária do sistema político económico. O objectivo real é substituir as elites políticas e sociais dominantes e fora da comunidade nacional, os sectores dominantes desta.

12 *Cfr.* Michael Walzer «Depois do 11 de Setembro: Cinco Perguntas sobre o Terrorismo», in *A Guerra em Debate*, trad. Luísa Feijó, Lisboa, Edições Cotovia, 2004.

13 Michael Walzer (2000), *Just and Unjust Wars: A moral argument with historical illustrations*, Nova Iorque, Basic Books.

14 "Terrorists Demand Extortion Cash in Euros," *TCM Breaking News* (4Set01): 1 - disponível em <http://archives.tcm.ie/breakingnews/2001/09/04/story22584.asp>.

15 Os terroristas bascos é o exemplo de grupo que usa a extorsão. Têm extorquido dinheiro de anos de empresas para financiar a luta pela independência. Quando a Espanha converteu a peseta para o euro, a ETA ainda enviou cartas a empresários bascos exigindo pagamentos variando de 30.000 a 60.000 euros. Embora muitas das grandes empresas no País Basco se recusaram a pagar o imposto da ETA "revolucionária", as pequenas empresas que não têm dinheiro para contratar guarda-costas são forçadas a pagar. A este respeito, o "período áureo" de usar o medo de represálias entre os empresários, decorre entre 1978-1986, em seguida, a cobrança foi reduzida a níveis muito mais baixos, devido à pressão policial (Florecio Domínguez, (1998), *ETA, Estrategia organizativa y actuaciones, 1978-1992*, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, Bilbao).

16 *Department of Justice, Federal Bureau of Investigation, Counterterrorism Threat Assessment and Warning Unit, Counterterrorism Division, Terrorism in the United States 1999*, Relatório 0308, (Washington, D.C., n.d.), 41.

17 Seth Hettena, "Earth Liberation Front Claims Responsibility for San Diego Arson," *The Mercury News*, 18 Ago 03, in <http://www.mercurynews.com/mld/mercurynews/news/local/6562462.htm>.

18 Simples grupos temáticos, tais como a *Earth Liberation Front* (ELF), particularmente a favor desses fins. Embora esta reivindique a responsabilidade por dezenas de incêndios criminosos, provavelmente incêndios dos mais caros cometidos por este grupo foi em San Diego, em Agosto de 2003: alegando ter sido alvo o «desenvolvimento urbano desenfreado», a ELF custou US \$50 milhões causando danos na parte Norte em franca expansão em San Diego.

19 O possível dano psicológico - a intimidação ou o medo de um lado, ou o efeito de propaganda por outro - afinal é o objectivo central do terrorista, no acto de sabotagem tornam-se secundários quanto ao efeito do dano material concretizado. É muito ténue a separação entre os actos de sabotagem de natureza psicológica e as Opsinf subversivas: que é desmoralizar autoridades mediante falsas acusações é exemplo desta ténue diferença.

20 Os actos terroristas, ataques aos sistemas informatizados e a sabotagem também são algumas formas de guerra assimétrica.

21 "Saboteurs Disable Critical Iraqi Oil Pipeline," *HoustonChronicle.com*, 08Set03; disponível: <http://www.chron.com/cs/CDA/ssistory.mpl/special/iraq/2087438>.

22 Exemplos de sabotagem foram evidentes no Iraque, desde o fim das grandes operações de combate, onde os ataques foram realizados contra instalações de geração de energia e as condutas de água. Além disso, foram ataques persistentes a gasodutos de petróleo do Iraque e em Setembro de 2003 as estimativas eram de que o país estava a perder \$7 milhões/dia por causa dos danos ao gasoduto de petróleo que transporta a partir dos campos de Kirkuk para o porto do Mediterrâneo na Turquia.

23 Os clandestinos na Dinamarca ocupada criaram o "conselho industrial" para compilar e analisar informações sobre as instalações de alvo potencial e atribuir prioridades para sabotar os esforços.

24 *Encyclopedia of World Terror*, 1997 ed., s.v. "Bombing".

25 In Department of Justice, Federal Bureau of Investigation, Counterterrorism Division, Terrorism 2000/2001, Relatório 0308, (Washington, D.C., 2004); Department of State, Office for Counterterrorism, Patterns of Global Terrorism 2003 (Washington, D.C., Abr04, revisto a 22Jun04), 5.

26 Walter Reich, ed., *Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind*, rev. ed. (Washington: Woodrow Wilson Center Press, 1998), 264-265.

27 Bruce Hoffman, *Inside Terrorism*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1998, p.181.

28 Lou Dolinar, "Cell Phones Jury-rigged to Detonate Bombs," *Newsday.com*, 15Mar04; *in*

<http://www.newsday.com/news/nationworld/ny-wocell153708827mar15,0,1644248.story?coll=ny-nationworldheadlines>.

29 Foi o caso do israelita Gilad Shalit (promovido de soldado a sargento primeira classe (eq. Nato OR-7) enquanto estava no cativeiro, depois de cinco anos de cativeiro em Gaza, foi trocado por 1.027 prisioneiros palestinianos.

30 É o segundo maior grupo rebelde da Colômbia (após as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, FARC). Contrariamente às FARC, o ELN (Exército de Libertação Nacional) não se dedica ao negócio da droga, ao qual o líder histórico Manuel Perez, sempre se opôs. Não detendo a máquina militar como as FARC e não tendo hipótese no confronto directo com as forças do Governo, o ELN dedica-se principalmente à sabotagem de infra-estruturas, nomeadamente da indústria petrolífera e da rede eléctrica. O ELN teve apogeu durante a segunda metade da década de 90, altura contava com cerca de 35 mil guerrilheiros. Hoje, tem nas fileiras perto de 20 mil indivíduos, que dividem o seu trabalho entre a actividade militar e acções de carácter social. O ELN, hoje liderado por Nicolás Rodríguez Bautista (Gabino), tem sido afectado pela acção dos paramilitares de extrema-direita surgidos nos anos 80. A popularidade tem sido muito afectada pela crescente repulsa dos colombianos aos movimentos de esquerda, assim como, pelo seu apoio aos paramilitares que os combatem.

31 Col. Thomas D. Phillips, "The Dozier Kidnapping: Confronting the Red Brigades," *Air and Space Power Chronicles* (Fev02): 1; disponível em <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/cc/phillips.html>.

32 U.S. Marine Corps, Marine Corps University, *Corporals Noncommissioned Officers Program, Force Protection, Course CPL 0302*, Quantico, VA, Jan99, 12-13; *in* http://www.tecom.usmc.mil/utm/Force_Protection1_LP.PDF; Internet.

33 Departamento de Estado, Embaixada EUA, Jacarta, Indonésia, *Threats Involving Vehicle Borne Improvised Explosive Devices* [Ameaça Envolvendo Veículo Carregado com Dispositivos Explosivos Improvisados] (Jacarta, Indonésia, 2003), 2; em http://www.usembassyjakarta.org/vbied_vehicles.html.

34 Ver nota infra nº 40.

35 *Wikipedia*, 2004 ed., s.v. “2002 Bali Terrorist Bombing;” in http://en.wikipedia.org/w/wiki.phtml?title=2002_Bali_terrorist_bombing&printable=yes; Internet.

36 A tática habitual vietmin era dividir as forças em três grupos e posicioná-las em posições estratégicas ao longo da estrada, onde era esperada a coluna importante para a executar. O primeiro grupo bloqueava a estrada; o segundo e o terceiro grupo escondia-se em lugares distintos ao longo da estrada de acesso. Após a coluna francesa passar, o segundo e terceiro grupos escondidos, bloqueiam a estrada. Como os franceses saíam dos veículos para inspeccionar o sítio, o primeiro e segundo grupos atacam enquanto o terceiro isola a retaguarda, evitando o recuo ou a chegada de ajuda.

37 Revendo as operações no Vietname, as autoridades francesas simplesmente descobriram, apesar do ar e outras técnicas de observação, foram sistematicamente incapazes de detectar emboscadas com antecedência. Descobriram, a melhor das hipóteses, as defesas não foram capazes de diminuir a eficácia das emboscadas e não evitá-las. Das contra-medidas usadas foi espaçar as colunas e os comboios para distância maior do que seria possível ser coberta pela *força de emboscada*, portanto, parte da força poderia escapar, enquanto a outra parte poderia vir para o resgate. Outra técnica foi equipar as colunas com blindados e artilharia para ajudar a repelir a emboscada.

38 Exemplo disso, foi a tentativa de assassinato do mais proeminente clérigo chiita, o aiatola Ali al-Sistani, em Fev04. Este incidente foi aparente tentativa de criar a raiva na comunidade chiita há muito oprimidos e aumentar as tensões étnicas e sectárias no Iraque no pós-guerra. Houve também a série de assassinatos de iraquianos que têm assumido posições de liderança em prol da transição para o governo “democrático”.

39 Ben Venzke and Aimee Ibrahim, *The al-Qaeda Threat, An Analytical Guide to al-Qaeda's Tactics & Targets*, Alexandria, Tempest Publishing, 2003, p.14.

40 Duas notáveis tentativas de assassinato contra os militares americanos foram conduzidas pela Facção do Exército Vermelho na Europa. Em 1979, tentaram matar o general Alexander Haig, quando era SACEUR (*Supreme Allied Commander Europe*) usando o dispositivo explosivo colocado na sua rota preferida para o escritório. A segunda tentativa foi contra o general Frederick Kroesen em 1981, quando era o CINC (*Commander-in-Chief*) USAEUR usando armas de pequeno calibre e um lança foguetes contra o seu batedor. Ambos os casos, os terroristas tinham sob vigilância e desenvolveram planos detalhados para as tentativas de assassinato. No entanto, ambas as tentativas fracassaram. No caso do general Haig, o veículo ia mais rápido do que o esperado e a explosão pouco impacto teve na traseira do carro. No ataque em general Kroesen, a armadura e vidro à prova de balas do veículo, combinada com a explosão de foguetes imprecisos, impediu qualquer ferimento grave.

41 DFTO - *Designated Foreign Terrorist Organization* - Organização de Classificação Terrorista Estrangeira.

42 A técnica do vietcongue seguido durante as operações de ataque era exigido aos aldeões matarem todos os seus cães para que os latidos não traíssem a guerrilha quando

faziam incursões posteriores.

43 FM 3-06, *Urban Operations*, 01Jun03.

44 Peter Chalk, "Threats to the Maritime Environment: Piracy and Terrorism," (RAND Stakeholder Consultation, Ispra, Italy 28-30Oct02).

45 Graham Gerard Ong, "Next Stop, Maritime Terrorism", *Viewpoints* (12Set03): 1; in <http://www.iseas.edu.sg/viewpoint/ggosep03.pdf>

46 *dem.*, 2.

47 O LTTE inventou o cinturão suicida e foi pioneiro no uso de homens-bomba como tática de combate e foram também pioneiros no uso de mulheres nestes ataques suicidas.

48 *Ibid.*, 1.

49 Peter Chalk, "Threats to the Maritime Environment: Piracy and Terrorism," (RAND Stakeholder Consultation, Ispra, Italy 28-30 October 2002): 12.

50 Bob Newman, "Terrorists Feared to Be Planning Sub-Surface Naval Attacks," *CNS News.com*, 3 Dez 02; *in* <http://www.cnsnews.com/ForeignBureaus/archive/200212/FOR20021203a.html>.

51 *Ibid.*, 2.

52 Michael Richardson, "A Time Bomb for Global Trade: Maritime-related Terrorism in an Age of Weapons of Mass Destruction" *Viewpoints* (25Fev04): 8; in <http://www.iseas.edu.sg/viewpoint/mricsumfeb04.pdf>.

53 Martha Crenshaw, "Suicide Terrorism in Comparative Perspective," in *Countering Suicide Terrorism* (Herzilya, Israel: The International Policy Institute for Counter Terrorism, The Interdisciplinary Center, 2002), 21.

54 Yoram Schweitzer, "Suicide Terrorism: Development and Main Characteristics," in *Countering Suicide Terrorism* (Herzilya, Israel: The International Policy Institute for Counter Terrorism, The Interdisciplinary Center, 2002), 85.

55 Ehud Sprinzak, "Rational Fanatics," *Foreign Policy*, nº 120 (Set/Out00): 66-73.

56 "Suicide Terrorism: a Global Threat," *Jane's Intelligence Review* (Out00): 1 in http://www.janes.com/security/international_security/news/usscole/jir001020_1_n.shtml.

57 "Suicide Terrorism," *The Economist* (Jan04): 3; in <http://quicksitebuilder.cnet.com/supfacts/id396.html>. Prabakharan estaria envolvido no assassinato de Rajiv Gandhi, primeiro-ministro da Índia.

58 Rohan Gunaratna, "Suicide Terrorism: a Global Threat", *Jane's Intelligence Review* (20Out00): 1-7; *in* http://www.janes.com/security/international_security/news/usscole/jir001020_1_n.shtml.

59 Clara Beyler, "Messengers of Death - Female Suicide Bombers," *International Policy Institute for Counter-Terrorism* (Fev03): 3; *in* <http://www.ict.org.il/articles/articledet.cfm?articleid=470>.

60 Clara Beyler, "Female Suicide Bombers - An Update," *International Policy Institute for Counter-Terrorism* (Mar04): 1; *in* <http://www.ict.org.il/articles/articledet.cfm?articleid=508>.

61 Greg Myre, "Palestinian Bomber, 14, Thwarted before Attack," *International Herald Tribune* (Mar04): 1; in <http://www.iht.com/articles/511745.html>.

62 "Suicide Terrorism: a Global Threat," *Jane's Intelligence Review* (Out00): 4-5; in http://www.janes.com/security/international_security/news/usscole/jir001020_1_n.shtml.

63 Tom Lasseter, "Suicide Attackers Strike Karbala," *Knight Ridder*, 27Dez03; in

http://www.realcities.com/mld/krowashington/news/special_packages/iraq/7581568.htm.
64 Segundo Raymond Aron, *Paz e guerra entre as nações*. Brasília, Editora Univ. Brasília, 1986, «a diplomacia pode ser definida como a arte de convencer sem usar a força e a estratégia como a arte de vencer do modo mais directo”.